

Comunidades Quilombolas: Memórias e Tradições e Resistência

LEANDRA RIBEIRO FONSECA¹;
ANDRESA RIBEIRO RIBEIRO²;
ALINE ACCORSSI³

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – leandrarb85@gmail.com 1

²Universidade Federal de Pelotas -assessoriaandresaribeiro@gmail.com2

³Universidade Federal de Pelotas – alineaccorssi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Falar das minhas origens sempre me remete, saudosamente, à minha infância e aos ensinamentos que até hoje reverberam em mim. Busco evidenciar as propostas metodológicas de encontro e reencontro da cultura quilombola na contemporaneidade. Aprendemos de tudo um pouco: observávamos as mulheres realizando tarefas domésticas no pátio, na horta, nas lavouras e nos artesanatos. Minha comunidade sempre foi rica em afetos, união e muita fidelidade entre as mulheres, que trabalhavam juntas principalmente nas atividades artesanais. Hoje, revisito esses conceitos a partir desses espaços históricos que representaram muita luta e resistência para preservar tradições culturais e saberes transmitidos de geração em geração.

Segundo Dorneles (2021, p. 17), "[...] nossos saberes são orgânicos, porque são saberes voltados para o ser, voltados para a vida[...]". As guardiãs e guardiões dessa riqueza, que conhecemos como Griôs, são reconhecidos como mestres e orientam, a partir de seus conhecimentos, a comunidade quilombola à qual pertencem. São considerados os avôs nos territórios quilombolas. Os griôs desempenham diversas funções dentro de suas comunidades, como preservar a história e a cultura através de narrativas orais, canções e rituais.

Nas comunidades quilombolas, há muitas práticas que hoje são denominadas culturais, mas que, para meu povo, são rituais sagrados, como o benzimento, a manipulação de ervas para fazer infusões (operação que consiste em deixar macerar plantas ou outras substâncias num líquido a ferver, de forma a extrair-lhe os princípios alimentícios ou medicamentosos) e, como não poderia deixar de ser, o artesanato, que remonta aos nossos ancestrais por meio dos trançados construídos com um propósito. Esses trançados eram realizados nos cabelos das mulheres, crianças e homens que viviam sob o olhar dos senhores e precisavam comunicar-se entre si, guardar sementes para o futuro no quilombo e demarcar caminhos e direções para esses territórios.

Esse trabalho percorreu muitos caminhos, mantendo-se presente na cultura do nosso povo até os dias de hoje. Porém, infelizmente, não é de conhecimento geral a importância e a bravura dos nossos ancestrais na luta pela liberdade. Atualmente, nas nossas comunidades, o aprendizado sobre esses conhecimentos antigos ocorre por meio de contos e histórias compartilhadas em rodas de conversa ou pelos ensinamentos dos mais velhos, que, saudosamente, repetem as tradições por meio da oralidade.

Segundo Deldina (2021, p. 37), "[...] a mulher quilombola tem um papel fundamental na transmissão e na preservação das tradições locais: na manipulação das ervas medicinais, no artesanato, na agricultura, na culinária e nas festas. [...]".

Uma experiência marcante recente foi o reencontro cultural das mulheres da comunidade à qual pertenço, a Comunidade Quilombola Vó Elvira, reconhecida pela Portaria de 26 de novembro de 2007 e autenticada em 5 de outubro de 2009. O Quilombo Vó Elvira está localizado no 9º Distrito de Pelotas, Monte Bonito, e abriga aproximadamente 65 famílias. A principal fonte de economia da comunidade é a lavoura, os serviços fabris e os serviços domésticos, mas há também uma forte vertente de trabalhos artesanais. Em janeiro deste ano (2025), recebemos uma proposta de projeto voltado para o artesanato, apresentada por uma professora universitária que trabalha em prol da cultura e do resgate dessas práticas nas comunidades quilombolas e diáspóricas. O projeto foi aceito por nossas lideranças e marcou o início de uma trajetória de oportunidades para mostrar nossa arte, nossa historicidade e nossa cultura ancestral por meio do artesanato.

A economia solidária se concretiza em aprendizados realizados em dias marcados e encontros itinerantes, que promovem um melhor aproveitamento do espaço e fortalecem o sentimento de pertencimento das mulheres participantes. Nesses espaços, além do aprendizado e do aprimoramento das técnicas artesanais, são compartilhados saberes e anseios que resultam em conversas que vão desde alegrias e histórias engracadas até trocas de experiências cotidianas. Por ser um local de difícil acesso, pois dependemos de ônibus e horários limitados, os encontros ocorrem a cada quinze dias, mas cada um deles é fundamental para a escuta e as trocas ativas dentro do grupo.

2. METODOLOGIA

Como participante do grupo de oficinas de artesanato, vivenciei encontros repletos de alegrias, tristezas, reflexões, trocas de aprendizados e experiências. A professora era atenta a todos durante a confecção dos artesanatos, repetindo as orientações quantas vezes fossem necessárias. Quando estávamos com dúvidas, ela explicava tudo novamente, ajudava uma a uma e ensinava com paciência. Os materiais ficavam expostos, com fácil acesso. Se não conseguíamos terminar o trabalho no mesmo dia, retomávamos no próximo encontro. Por meio das oficinas, a professora mostrou que, além do artesanato, as atividades poderiam ser remuneradas economicamente, oferecendo às mulheres, muitas delas donas de casa, uma fonte de renda para os momentos de folga. Tanto a professora quanto as bolsistas do projeto traziam propostas que inovavam os artesanatos, valorizando a cultura e combinando as cores dos tecidos com a historicidade da comunidade.

A metodologia da professora baseia-se em uma pedagogia reflexiva, que atende a cada indivíduo do grupo com a paciência e a atenção necessárias para que todos aprendam de forma ativa e autônoma, respeitando suas subjetividades. De acordo com Bell hooks (2013, p. 25), trata-se de "uma pedagogia reflexiva que valoriza o conhecimento, as experiências e os saberes e que reconhece múltiplas vozes. [...] Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar de modo mais profundo e mais íntimo[...]" . Essa abordagem proporciona um ambiente mais criativo, amoroso e emancipador.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A iniciativa de concretizar o projeto na comunidade é de fundamental importância para o resgate da união entre mulheres, mães e donas de casa que, muitas vezes, têm essas tarefas como únicas ao longo da vida. No entanto, a oportunidade oferecida pelo projeto, independentemente do tempo, da idade ou das dificuldades enfrentadas para participar, renova a cultura e a união da comunidade, revelando um momento único de atenção e aprendizado sobre a história do povo quilombola e suas raízes.

4. CONCLUSÕES

Em resumo, o projeto de artesanato na Comunidade Quilombola Vó Elvira representa uma oportunidade valiosa para resgatar e preservar a cultura ancestral e a união entre as mulheres da comunidade. Por meio da metodologia reflexiva e da pedagogia ativa, as mulheres têm a chance de compartilhar saberes, anseios e experiências, fortalecendo os laços de pertencimento e identidade. Além disso, o projeto contribui para a economia solidária e a autonomia das mulheres, valorizando a importância da cultura quilombola e suas raízes. É um exemplo inspirador de como a arte e a cultura podem ser ferramentas poderosas para a transformação social e a preservação da memória coletiva.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELDINA, Selma dos Santos. Toda Mulher negra é uma quilombo. **Mulheres Quilombolas**: Território de existência negra femininas. São Paulo: Jandaíra, 2021, p.37-44.

DORNELES, Dandara Rodrigues. **Palavras germinantes entrevista com Nego – Bispo**. Identidade! São Leopoldo v. 26, n.1 e 2 p.14-26 jan./dez.2021 ISSN 2178-437X.

hooks, Bell. Pedagogia Engajada. **Ensinar a transgredir a Educação: Como pratica da Liberdade**. tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. Cap 1, p.25-36.